

Ela lhe ofereceu um chá, e ele aceitou. Chamou a empregada e pediu o chá. E que fossem de pétalas de rosa, de flores silvestres, de uma seiva dos deuses que combinasse com isto que agora sentiam os dois ali na sala!

Alguns minutos depois, a empregada entrou na sala e cochichou ao ouvido da patroa para que o convidado não ouvisse:

- Patroa, faltou gás!

Ela se atordoou levemente, mas logo recobrou sua postura e disse, também quase segredando ao ouvido da empregada:

- Use o fogão a lenha do quintal!

- Mas não tem lenha! Respondeu a empregada.

- Use a madeira, essa que está sob o telheiro, respondeu a patroa, e voltou-se sorrindo para o rapaz.

E o homem pegou nas mãos dela, puxou contra si e beijou-lhe a boca com o mesmo calor e a mesma suavidade com que seus olhos tatuavam sua pele. E enquanto beijava, ela não percebia que uma das pernas da estátua começava a ser lambida vorazmente pelas chamas, enormes chamas, porém bem menores que aquelas que o beijo fazia arder no coração daqueles dois amantes.

A CEIA DE ANO NOVO

José comia alguma coisa muito parecida com os restos que seu pai recolhia como lixeiro da cidade, coisa muito parecida com a comida que é dada aos porcos. O único consolo era saber que aquela coisa que comiam, ele e sua família, era fruto do resignado suor de seu pai e do cansaço de sua mãe.

Se a cidade não fosse a porcaria que é, fosse mais desenvolvida, como tantas que a gente ouve falar e vê na televisão, o lixo seria outro e dele talvez fosse possível retirar alguma coisa para variar essa monotonia fedorenta do feijão-água-e-sal.

José na falta do que fazer, jogava futebol e bebia cachaça, pois sempre há uma bola e um terreno baldio nesses latifúndios de Deus, e graças à caridade cristã que, nos bares, ainda está viva, há sempre alguém disposto a pagar uma cachaça para quem anda a vida toda sem vintém.

José tinha bom chute, driblava, cabeceava forte e fazia gols. Isto lhe garantia um lugar no time da cidade e lhe permitia vestir a camisa do time, traje que o deixava igual a todo mundo. O uniforme do time era igual para todos e ele posava para os retratos sabendo que ali, pelo menos no retrato, não era diferente. Era igual ao seu grande amigo Bebé, que era meio perna-de-pau, gostava de futebol e era filho de empregado federal. Bebé que tinha camisa de gola firme e sapatos de cromo, usava água de colônia e calças de tecido bom, dessas que têm vinco e não se amassam.

Tinha sido de Bebê a chuteira de segunda que ele usava. Era Bebê quem lhe provia de roupas e sapatos ainda em bom estado, lhe pagava bebidas, lhe dava uns trocados para o cigarro, principalmente nos dias em que o time ganhava. Mas a bondade de Bebê parava aí, que Bebê não podia - e José não queria -, sustentar um sujeito, por mais amigo que fosse, de tudo que uma pessoa precisa para viver.

Era aí que José voltava para seu feijão de água-e-sal, sabendo que só sairia daquela dieta se o time fosse jogar fora e no contrato entre as partes constasse que o time visitante tinha direito a um almoço.

Mas que fazer? O negócio é ir levando essa merda de vida, tentar achar, aqui acolá, alguma coisinha que dê alguma satisfação, ir procurando aquilo que só se encontra após o ligeiro turvamento da vista que a bebida provoca.

Quando José pensou que a vida não podia piorar, Bebê arranhou emprego de agente fiscal, influência de seu pai, e foi trabalhar em outra cidade. José não se preocupasse que ele mandaria uma bola, sempre que a bola velha já não agüentasse o tranco, e não esqueceria de lhe mandar umas roupas, um par de sapatos, já que não ia morar longe.

Com a saída do amigo, José descobriu que o pior sempre está para acontecer e, quatro meses depois, já estava com a roupa em frangalhos, impossibilitado de entrar até na sinuca, tal o estado de seus trajes.

Um pacote providencial, enviado pelo amigo, com algumas mudas de roupa e uma sandália quase nova, lhe salvou do vexame de andar em molambos.

Mesmo assim, lhe fazia falta a facilidade de tomar umas e outras, coisa que o amigo providenciava

naturalmente nas farras semanais. Estava José a pão de milho e água salôbra.

Bebê bem que podia arranjar uma vaga para ele no time da cidade onde trabalhava e depois um empreguinho qualquer, desses onde não se faz nada, varredor, zelador, qualquer coisa que lhe desse os trocados que ele nunca tinha tido de forma perene e regular. E aí, uma camisa nova, uma calça de vinco, e um almoço com cheiro, gosto, cor. Uma feijoada, uma rabada, uma buchada, uma galinha de capoeira, um bife a cavalo, essas coisas que Bebê fala tanto, e ele, imaginando como elas são, sente o cheiro e fica com a boca cheia d'água. Ai, meu Deus, para que eu tô pensando nisso? Mas como pode deixar de pensar nisso um como eu? Se não penso sonho, se não sonho, tenho pesadelo e acordo com gosto de comida na boca.

E Bebê lhe mandou um recado: que fosse à festa de Ano Novo na cidade onde estava morando, que precisava de um reserva no time que andava desfalcado justamente naquela sua posição. Na reserva! Mandou dizer Bebê, porque aqui as pessoas colaboram com o time e mesmo não jogando bem, jogam, e só dão o lugar a um como ele se o time estiver perdendo e houver possibilidade de uma virada.

Na reserva, não faz mal. Começa assim. Vai que eu entro e pego o time perdendo e meto lá uns três ou quatro gols! É contrato e emprego na certa! E aí vou sair daqui, vou tirar o pé da merda e quem sabe, não chego a um time maior, como profissional, bom salário... Nem é bom pensar para não dar azar.

Na reserva, eu sei. Mas não custa dar uma graxa na chuteira, ajeitar aquela caneleira e mandar sua mãe engomar

a roupa da viagem e não gastar na bebida o dinheiro que Bebê mandou para ele pagar a passagem, e esperar, esperar, esperar, que os dias passam muito devagar e a semana estica que não acaba mais, mas finalmente chega, como parece que chegou, pois já estou de mala pronta, dinheiro da passagem no bolso, o coração leve e feliz por ter uma novidade na vida, coisa que comigo quase nunca acontece.

No dia marcado Bebê lá estava, esperando por ele, como prometeu. Amigo é pra essas coisas, mas amigo como esse eu nunca vou encontrar igual, e como vai e diga as novidades, e diga primeiro as suas, e depois veio toda aquela conversa parecida com chuva que não molha, que é aquela de quem não tem muito que contar, e que levou algum tempo e o tempo de chegarem a uma casa onde morava seu amigo com outros colegas de profissão e de futebol. Zé, é aqui que eu moro. Você dorme aqui com a gente. Gente, esse aqui é o Zé Boquinha, o centroavante do Palmeiras que eu trouxe pra garantir a nossa reserva. E haja como vai, e muito prazer, e diga aí, e coisa e tal, e Zé alojou-se, e colocou sua mala sob uma cama que lhe foi reservada.

O jogo era logo mais e por isso foram para uma casa perto do campo, a concentração, onde não se podia beber antes do jogo e onde o almoço era coisa leve, frugal, pois o time adversário era bom, preparado, e nosso time não pode fazer feio. E assim foi. E daí a pouco já estavam distribuindo as camisas, os calções e meiões, para titulares e reservas, e ele Zé Boquinha, num passe de mágica ficou igual, ou se não, muito parecido com os demais jogadores, mesmo traje, mesma altura, mesma cara, mesma boca, mesma coisa em tudo. Como um traje pode mudar tanto uma pessoa? Não sei, mas muda.

E vamos para o campo, e vamos para o jogo, e cada time fez um gol logo no começo, e Zé torcendo para que o time de Bebê levasse um gol, dois gols, para ver se ele entrava, ou se não levasse o gol, bem que o centroavante podia levar uma pancada grande no joelho, torcer o tornozelo, ter um destroncamento na virilha, e aí ele entraria e arrebentaria com aquela defesa mal arrumada e de cintura dura.

Boca de praga! Pensou Zé, mesmo que só tenha pensado e não falado! O centro avante sentiu uma fisgada na virilha que, com sua teimosia em não sair logo, terminou em dor atroz que endureceu sua perna e obrigou o coitado a sair nos braços de duas pessoas fazendo cadeirinha. Coisa do destino que queria ajudar Zé a mostrar suas qualidades, ou por que gostasse dele ou porque não gostava do centroavante titular. O caso é que ele saiu e Zé entrou, e ajudado pela fada madrinha dos atletas miseráveis, dez minutos depois arriscou um chute do bico da grande área que quase surpreendeu goleiro e time e juiz e assistência. O jogo continuou um a um.

Faltando uns cinco minutos para o jogo terminar Zé se viu frente a frente com o zagueiro, um grandalhão pesado, uma parede impedindo a passagem de Zé para a glória do segundo gol. Na velocidade em que vinha, pendeu o corpo para a direita, fez que ia, mas ficou, mas o grandalhão foi, e quando cuidou de voltar, já a bola lhe tinha passado entre as pernas e era só o goleiro sair do gol e Zé só teria o trabalho de dar um chutezinho delicado, por cobertura, indo a bola morrer no fundo das redes. Mas o grandalhão deixou a perna, quase uma rasteira, e Zé se viu comendo terra quando poderia estar comemorando um gol de placa. Mas o gol não aconteceu e o jogo acabou.

Pior poderia ter sido. Ninguém perdeu, Zé até que jogou bem, mas futebol é assim mesmo. Alegria e decepção. E, às vezes, essa alegria sem graça que é o empate. Dez centímetros mais para a esquerda, e aquele chute do bico da área iria para a rede; não fosse a perna faltosa do grandalhão, Zé estaria nos braços das torcida, já teria uma vaga no time e a promessa de um emprego com salário garantido no fim do mês. Faltou pouco. Muito pouco.

De que adianta chorar o leite derramado? Agora é tomar um banho, vestir uma roupa mais ou menos decente e dar uma volta com Bebê pelas barracas da festa, tomar umas cervejas e, mais tarde, ir ao jantar na casa do presidente do time. O jantar era para comemorar a vitória, mas não se podia deixar estragar assim tanta comida, quando não se perdeu o jogo.

Olha Zé, o jantar na casa do presidente é coisa fina. Vou levar você, mas não faça besteira. Coma devagar, não encha a boca demais e, na dúvida, dê uma olhadinha pra mim quando não souber o que fazer. Vamos sentar juntos. Pelo amor de Deus não me faça passar vergonha na frente de todo mundo. Não, Bebê, pode deixar, eu me garanto. Comer com garfo e faca é comigo mesmo.

A casa do presidente do time, um grande comerciante da cidade, era ampla, bonita, muita luz por todo lado e com um piso brilhante e liso. Depois vieram os móveis, o lustre na sala, um tapete avermelhado, cor de tijolo, e tantos outros móveis e espelhos que a sala ficou pequena e Zé ficou a se perguntar para que servia aquilo tudo. Seria só enfeite? Mas antes que pudesse imaginar uma resposta, chegou uma moça com uma bandeja com bebidas e Bebê pegou um copo e Zé

pegou também, e Bebê levou o copo à boca e Zé não ficou atrás, e era um uísque forte e com muito gelo e Zé só não fez uma careta porque Bebê não fez, mas que ele, por sua própria conta, pediria uma branquinha, que essa história de uísque não é muito do seu gosto, mas ele está ali, na casa alheia, é festa, e não vai fazer vergonha a Bebê, seu amigo que lhe dá de vestir e de calçar, e até de beber, e afinal uísque não é uma bebida tão ruim assim. E toma a segunda dose porque Bebê tomou a sua, e fica ouvindo as conversas, rindo e ficando sério, conforme o caso, e balançando a cabeça quando alguém lhe olha e ele imaginar que estão a lhe pedir a confirmação de alguma coisa.

Vá, Zé, pegue um bolinho, ou um pouco de peito de peru, não se acanhe. Ah! Obrigado, vou pegar, e por que diabo Bebê não pega o seu bolinho. Bebê, por que você não pega esse bolinho? Eu não posso Zé, é fritura e o médico me proibiu. E porque diabo você não avisa! Eu não tenho proibição nenhuma. E Zé se arrisca no peito de peru, fatia igual à que Bebê pegou, e enquanto come fica pensando no que virá depois, lá de dentro. A mesa, bonita e arrumada, daqui dá pra ver, cheia de comidas deliciosas, o cheiro chegando aqui na sala onde esse povo conversava, conversava, falava em jogo, em jogador, em time e em bola, de um jeito que parecia não haver outro assunto no mundo e mais nada para se fazer, quando a quatro metros dali havia aquela mesa cheia de comida esperando por todos eles. Esse povo ou não tem fome ou não tem gosto. E enquanto não se decidem e continuam a falar, Zé vai tomando mais um uísque, que agora desce mais macio, e o mundo já começa a ter outra cor, e as pessoas parecem ser gente amiga, e Zé já

não sente nenhum acanhamento de estar ali, no meio de tanta gente fina.

Ensaia até uma intervenção numa daquelas rodinhas, mas ninguém abre o círculo, ninguém o ouve, e ele continua rondando por ali, tomando mais uma e beliscando aqueles croquetes que ele nem mais sabe, nem interessa saber, se são de frango ou de peru.

Quando finalmente vão sentar à mesa, que mais parece um campo de futebol, de tão comprida, Zé já está meio tonto, mas com tanta fome que sente a barriga a lhe roer por dentro. Senta. Consegue se servir de uma farofa, alguém lhe coloca um purê no prato, Bebê põe no seu prato quase um peito de peru e assim, em pouco tempo, o prato de Zé está uma montanha, com um cacho de uva se equilibrando sobre ele.

Vendo tudo aquilo, Zé pensou, mas foi coisa muito rápida, em colocar um peito de peru no bolso, ou aquele lombo para sua mãe experimentar; aqueles franguinhos assados, de tão pequenos caberiam até no bolso das calças, seria o presente de seu irmão menor. Quando começou a pensar no que poderia levar para seu pai, notou que as pessoas já haviam começado a comer e viu que não dava para colocar aquele franguinho no bolso das calças, pois alguns convidados olhavam para ele, que olhava para o prato à sua frente.

Ainda bem que Zé sabe usar o garfo, mais um favor que ele deve a seu amigo Bebê, e consegue, com facilidade, trincar o peito de peru, e tomando um último gole de uma bebida que estava à sua frente, leva a carne à boca. Nesse momento explode o grito de feliz ano novo, explodem os

fogos e erguem-se copos e taças para o brinde. Zé, surpreso, com o pedaço de peru na boca, levanta sua taça e nesse meio tempo engole a carne quase inteira, a tempo de também gritar feliz ano novo e sem nenhum motivo, pelo menos que alguém ali soubesse, Zé começou a enxugar as lágrimas que muitos acharam que eram lágrimas de felicidade.